

Recebido em mai. 2009
Aprovado em jul 2009

Kalagatos - REVISTA DE FILOSOFIA, FORTALEZA, CE, v. 6 n.11, INVERNO 2009

REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA DA VIOLÊNCIA A PARTIR DAS ATIVIDADES LIBERATIVAS DA FILOSOFIA DE SCHOPENHAUER

OSMAR PONCHIROLLI *

RESUMO

O objetivo deste artigo é o de verificar a importância da concepção filosófica de Schopenhauer como fundamento antropológico do fenômeno da violência. O método que caracteriza esta pesquisa é a revisão bibliográfica, com utilização de fontes múltiplas de evidências. Os dados foram obtidos mediante uma profunda investigação bibliográfica. A análise dos dados foi efetuada de forma descritivo-interpretativa. Utilizou-se, a análise de conteúdo e a análise documental. A violência vem ocupando um grande espaço na literatura nos últimos anos. Como resposta ao fenômeno da violência, surge no cenário político propostas que privilegiam o endurecimento das políticas de combate à criminalidade, reformas no sistema penitenciário e reestruturação policial, com o objetivo de controlar e reduzir a violência. Tem-se a necessidade de buscar o fundamento da violência com base na Filosofia. Neste sentido, procura-se analisar a violência a partir da contribuição da antropologia filosófica de Schopenhauer do mundo como vontade e representação.

PALAVRAS-CHAVE

Violência. O mundo como vontade e representação. Arte. Compaixão. Justiça.

ABSTRACT

The aim of this paper is verify the importance of Schopenhauer's philosophical and anthropological foundation of the violence phenomenon. The method that characterizes this research is the literature review, using multiple sources of evidence. The data were obtained through a thorough literature search. Data analysis was performed in a descriptive-interpretive way. Was used, content analysis and document analysis. Violence have been occupying a large space in the literature in recent years. In response to the violence phenomenon, appears in the political arena proposals that privilege the hardening of the politics of criminality combat, reforms in the penitentiary system and Police reorganization, in order to control and reduce violence. There is the need to seek the principle for violence based on philosophy. In this sense, we seek to analyze the violence from the contribution of philosophical anthropology of Schopenhauer's World as Will and Representation.

KEYWORDS

Violence. The World as Will and Representation. Art. Compassion. Justice.

* Filósofo, Teólogo, Especialista em Didática do Ensino Superior, Licenciatura Plena em História, Psicologia, Sociologia, Mestre e Doutor pela UFSC. Professor Adjunto do curso de Filosofia do Centro Universitário Franciscano do Paraná e professor pesquisador do programa de mestrado em Organizações e Desenvolvimento da UNIFAE.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como base a obra principal do filósofo Arthur Schopenhauer, “O Mundo como Vontade e Representação”, que contém a síntese de todo o seu pensamento, e dele tenta-se destacar os elementos antropológicos com o intuito de elucidar a compreensão filosófica da violência. Os diversos tipos de violência intrigam a sociedade e tem despertado na comunidade em geral, especialmente a acadêmica, a procura por explicações para a violência de uma maneira geral, na tentativa de instrumentalizar educadores, familiares e demais agentes na sua interpretação e prevenção. Os índices de atos infracionais apresentam um crescente alarmante e, uma mudança de paradigma no *modus operandi* das infrações; outrora se registrava atos contra patrimônio, hoje se registra atos contra a vida. A filosofia de Schopenhauer servirá de base teórica para iluminar esta reflexão sobre a violência.

O ponto de partida da filosofia de Schopenhauer é a distinção kantiana entre fenômeno e noumeno, mas ele descreve esta distinção em sentido diverso do genuinamente kantiano. Para Kant o fenômeno é a realidade, a única possível de conhecimento humano, e o noumeno o limite intrínseco deste conhecimento. Para Schopenhauer o fenômeno é aparência, ilusão, sonho, e o noumeno é a realidade que se oculta atrás do sonho e da ilusão.

Kant considerava inacessível o noumeno e Schopenhauer (1974, p. 213) descobre esta via de acesso

[...] do conhecimento objetivo da representação não saímos dela, nem podemos passar do fenômeno, nos encontramos reduzidos ao aspecto exterior das coisas

sem poder penetrá-las para ver o que são em si mesmas. Até aqui, de acordo com Kant, porém a partir deste ponto coloco como contrapeso esta outra verdade: que não somos unicamente sujeitos do conhecedor, senão também objetos, coisas em si, e que, em conseqüência, para penetrar na essência própria e imanente das coisas, nas quais são podemos chegar desde fora, se abre uma via que parte do interior [...].

Com Kant, Schopenhauer afirma que a intuição nos proporciona um conhecimento dos fenômenos, mas vai mais além, dizendo que isto se aplica a todos os conhecimentos, menos ao do nosso próprio querer, que não é intuitivo nem vazio, mas é mais real do que qualquer outro. Na realidade o nosso querer é o único dado que não se dá na representação e é também a única forma de compreender a interioridade de qualquer outro fato.

Percebe-se, então que Schopenhauer parte desta distinção kantiana, entre noumêno e fenômeno. Aqui se faz absolutamente necessário ressaltar que a realidade fenomênica para Schopenhauer, diferentemente como era para Kant, é apenas representação do sujeito. “o mundo é minha representação” (SCHOPENHAUER, 2001. p. 9). É este o princípio elementar que embasa toda construção filosófica schopenhauriana. Entretanto, o que Schopenhauer entende por representação? “Uma complexa atividade fisiológica no cérebro de um animal ao fim da qual se tem a consciência de uma imagem”. (Schopenhauer apud Barbosa, p. 30). Que o mundo seja apenas representação, segundo Schopenhauer é uma verdade tão certa e evidente da qual não podemos duvidar, sendo ela o

princípio de todo conhecimento, posto que esta formulação implica sujeito e objeto, como instâncias inseparáveis do conhecimento.

Com esta posição Schopenhauer se afasta tanto do materialismo, como do idealismo, mostrando que não há objeto sem um sujeito e não há sujeito sem um objeto. Na concepção schopenhaueriana sujeito e objeto estão interligados por uma dependência mútua, não podemos pensá-los como instâncias separadas, este foi o caminho que percorreu toda metafísica precedente, principalmente o desdobramento que aconteceu em realismo e idealismo. Schopenhauer (2001, p. 42) afirma que “não parto do sujeito nem do objeto tomados separadamente, mas do fato da representação, que serve de ponto de partida a todo conhecimento e tem como forma primitiva e essencial o desdobramento no sujeito e no objeto”. Ele critica estas duas posições, e na busca para a solução do enigma do mundo orienta-se por não partir nem do sujeito e muito menos do objeto.

A representação envolve necessariamente a existência de um sujeito capaz de representar e um objeto representado, assim a representação funciona como uma espécie síntese entre ambas as concepções. Todo mundo dado na representação depende apenas de uma inteligência, por mais insignificante que seja esta, para percebê-lo, e pensá-lo. Enfim, o mundo existe em função do seu correlativo necessário, seu suporte imprescindível que é o sujeito pensante. O mundo da representação carece desta dependência do sujeito e do objeto:

Nenhuma verdade é, portanto mais certa, mais absoluta, mais evidente do que esta: tudo o que existe, existe para o pensamento, isto é, o universo inteiro

apenas é objeto em relação a um sujeito, percepção apenas em relação a um espírito que percebe. Em uma palavra, é pura representação. SCHOPENHAUER, 2001, p. 9).

O mundo considerado sob a perspectiva da representação é regido pelo princípio da razão, que nada mais é do que a forma de todo conhecimento fenomênico. Portanto, mediante este princípio explicam-se todos os encadeamentos causais. “se conforme o princípio de razão, ‘nada é sem uma razão pela qual é’, e assim ele explica tudo no mundo natural, por outro lado, o princípio mesmo não é passível de explicação” (BARBOZA, 2006, p. 39). O mundo fenomênico pode ser conhecido e esgotado mediante o princípio de razão e suas quatro formas particulares. Durant (1994, p. 118), historiador da Filosofia no seu estudo sobre a filosofia de Schopenhauer, assim resume em consiste o princípio de razão:

O princípio da razão suficiente é a “lei da causa e efeito” de quatro formas: 1 – Lógica, como a determinação da conclusão pelas premissas. 2 – Física, como a determinação do efeito pela causa. 3 – Matemática, como a determinação da estrutura pelas leis da matemática e da mecânica. 4 – Moral, como a determinação da conduta pelo caráter.

Partindo de fora, não se pode chegar à interioridade, à essência das coisas. De qualquer maneira que nos atenhamos a elas obteremos apenas imagens e nomes. Só partindo daquilo que conhecemos imediatamente, ou seja, de nós mesmos, podemos

conhecer as outras coisas. Seria impossível encontrar a significação do mundo que é nossa representação do sujeito cognocente em qualquer outra coisa, se o homem fosse puro sujeito do conhecimento. Ele, porém, também tem suas raízes neste mundo, aí se encontra como indivíduo e seu conhecimento, condição e apoio do mundo como representação, tem o seu corpo como condição de sua intuição do mundo. Para Schopenhauer (1974, p. 214), é o nosso querer o único “Datum” de validade que pode esclarecer todas as coisas e nos conduzir à verdade.

Nem mesmo este conhecimento interior de nossa própria Vontade nos permite o conhecimento propriamente dito da coisa em si, porque ele não é imediato. A Vontade necessita, para suas relações com o mundo exterior, do corpo e com ele a inteligência que a vontade cria. Por meio dela se reconhece como tal Vontade em sua consciência íntima, Mesmo neste conhecimento interior, a coisa em si, ainda que despojada em parte de seus véus, não se apresenta totalmente nua.

O artigo estrutura-se em quatro capítulos. O primeiro é a introdução onde se justificativa a temática deste artigo. O segundo capítulo está relacionado ao conceito de Vontade onde se busca compreender a violência a partir da concepção de Vontade de Schopenhauer. No quarto capítulo busca-se uma colocação antropológica e no último capítulo as considerações finais.

O capítulo a seguir abordará a concepção de Vontade a partir do pensamento de Schopenhauer. A violência apresenta-se como impulso cego e irresistível que se objetiva no fenômeno.

2. A VONTADE

A representação na acepção que Schopenhauer a concebeu é uma ilusão, o mundo da representação não passa de um sonho, que equivale ao véu de Maya que fala o pensamento filosófico indiano, expresso nos vedas e nos puranas. “Os Vedas e os puranas, para representarem com exatidão o mundo real, ‘essa teia de Maya’ comparam-no geralmente a um sonho.” (SCHOPENHAUER, 2001. p. 24).

É uma ilusão, no sentido que a realidade apresentada por este princípio não nos leva além do conhecimento das causas e efeitos, se quisermos encontrar a verdadeira significação da realidade (lembrando que a coisa-em-si deve precisamente não depender deste princípio) precisamos partir de outro ponto de vista. Já que a filosofia verdadeira, segundo Schopenhauer, não se resume a perguntar apenas pelos porquês do fenômeno, com o intuito de descobrir as relações destes, a metafísica como ciência primeira pergunta fundamentalmente pelo Como, pela origem de tudo aquilo que é. Ora, se o mundo que pensamos na perspectiva da representação se configura como uma ilusão e que o pensamento filosófico até agora se focou na tentativa de descobrir as causas e efeitos. Qual é então o caminho a percorrer para chegar à essência do mundo?

Trata-se de indagar pela natureza das nossas representações com o objetivo essencial de descobrir suas significações. Encontrar sua fonte originária. Isto é, a fonte primária de onde emanam todas essas variadas representações do real.

Queremos saber a significação dessas representações, perguntamos se o mundo não as ultrapassa, caso em que deverá se apresentar a nós como um sonho vão, ou como uma forma vaporosa semelhante á dos fantasmas, não seria digno de atrair nossa atenção. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 108).

Portanto, se o mundo transcende aquilo que nos é fornecido mediante o princípio da razão, Schopenhauer se pergunta: “não será ele qualquer coisa diferente da representação, alguma coisa a mais; e nesse caso o que ele é?” (SCHOPENHAUER, 2001. p. 109).

Qual é a chave que permite resolver o problema da origem das representações. Logo de antemão, Schopenhauer esclarece que não podemos partir de fora se quisermos adentrar na essência íntima de todas as coisas. A explicação para a realidade deve estar nela mesma, a metafísica não pode extrapolar as leis dos fenômenos deve, portanto, focar-se no imanente. Sendo assim, ele apela para a subjetividade.

Não é de fora que devemos partir para chegar á essência das coisas procurar-se-á em vão e só se chegará a fantasmas ou fórmulas; pareceremos alguém que dá a volta a um castelo, para encontrar a entrada, e que, não a encontrando, desenhará a fachada. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 109).

Portanto, a passagem do mundo da simples representação para a descoberta da outra face, acontece mediante a análise da nossa corporeidade. Percebemos que somos seres enraizados, que temos um corpo, que

é o suporte do mundo da representação. Noutros termos, “o corpo é, pois considerado aqui como um objeto imediato, isto é, como a representação que serve de ponto de partida para o sujeito do conhecimento.” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 26). Ou seja, para que possamos ter um conhecimento do mundo pela representação necessariamente temos que ter um corpo, não somos anjos alados sem um enraizamento na realidade.

Mas, com efeito, ele tem sua raiz no mundo: enquanto indivíduo, faz parte dele; só o seu conhecimento torna possível a representação do mundo inteiro; mas este mesmo conhecimento tem como condição necessária a existência de um corpo, cujas modificações são como o vimos, o ponto de partida do entendimento para a intuição desse mundo. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 109).

Portanto, a corporeidade é a chave pela qual se tem o acesso das intuições do mundo, ela é o suporte, sendo que é por meio dela que o sujeito tem o seu enraizamento no real. A análise do corpo, enquanto uma chave para a descoberta do enigma do mundo permite-nos descortinar aquilo que está por detrás de todas as representações do sujeito cognoscente, ou seja, pelo nosso corpo descobrimos a outra face do real, que é a vontade. Portanto, percebo-me como sujeito de representação e ao mesmo tempo como sujeito de querer concreto, que me é dado por meio da minha corporeidade.

Porém, como acontece tal identificação da vontade com o corpo? Segundo Schopenhauer toda manifestação corporal se configura como um ato da vontade. Conforme ele mesmo esclarece, Todo ato real da

nossa vontade é, ao mesmo tempo e infalivelmente, um movimento do nosso corpo, não podemos querer realmente um ato sem constatar, no mesmo instante, que ele aparece como movimento corporal (SCHOPENHAUER, 2001, p. 110).

Ou seja, todos os movimentos empreendidos pelo corpo são manifestações da vontade. Quando se tem vontade de comer, nosso corpo nos impele a efetivação do ato de comer, isto é, todas as vezes que queremos alguma coisa nosso corpo arrasta-nos para a satisfação daquela vontade, entretanto, essa vontade ainda não é a coisa-em-si, trata-se aqui da vontade como fenômeno. O corpo é então, um ato da vontade que se objetiva, isso significa dizer que ela se manifesta por meio da corporeidade. É isso que Schopenhauer afirma: “A ação do corpo é apenas o ato da vontade objetivado, isto é, visto na representação” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 111). Schopenhauer (2001, p. 110) afirma que “pode-se ainda dizer, num certo sentido: a vontade é o conhecimento *a priori* do corpo; o corpo é o conhecimento *a posteriori* da vontade.”

Aqui, se faz necessário esclarecer que o termo “objetividade” se trata de um dos raros termos cunhados por Schopenhauer para expressar suas idéias. Barbosa (2006, p. 45) esclarece que:

Schopenhauer cunha um neologismo para expressar essa relação entre uma representação, o corpo, que pode até ser estudado pela ciência, como a fisiologia, e algo que já não é mais representação, mas difere *Toto genere* desta, precisamente a vontade. Trata-se do termo objetividade.

Portanto tem-se que o conhecimento que cada um possui imediatamente, que é a vontade é inseparável do conhecimento da sua corporeidade. Vontade e corpo são duas substâncias correlativas, inseparáveis entre si. O corpo é a mais nítida das manifestações da vontade. “Não posso, para falar com rigor, representar-me essa vontade sem o meu corpo” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 110).

Contudo, é necessário apontar que essa vontade identificada com o corpo, ainda não é definitivamente a vontade pensada na perspectiva da coisa-em-si. Essa é uma distinção *sine Qua non* para a compreensão do pensamento schopenhauriano. A vontade enquanto coisa em si deve precisamente não estar submetida ao princípio da razão, e sob o jugo de nenhuma das formas do conhecimento, que são o espaço o tempo e a causalidade (princípio da razão). Ora, a vontade como fenômeno ainda se mantém no nível dos motivos e das necessidades, estes que também são formas do princípio de razão. “Sob o ponto de vista do meu caráter empírico, o motivo é uma explicação suficiente das minhas ações; mas se me abstraio deste ponto de vista, e se me pergunto por que, em geral, antes quero isto do que aquilo, nenhuma resposta é possível” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 116).

A explicação para este mistério, segundo Schopenhauer, reside no fato de que “só o fenômeno da vontade está submetido ao princípio da razão; ela própria não o está, e por este motivo pode considerá-la como sendo sem fundamento” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 116).

Portanto, tem-se que a vontade fenomênica é essa que se expressa em nossos desejos e atos particulares, ou seja, essa de que temos consciência e conhecemos

através do nosso corpo. Conclui-se, portanto que “estes atos de vontade têm sempre um fundamento, fora deles mesmos, nos seus motivos. No entanto, eles determinam sempre apenas o que eu quero em tal momento, em tal lugar, em tal circunstância, e não o meu querer em geral” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 116).

Entretanto, se a vontade manifestada na nossa corporeidade ainda não é a vontade como coisa-em-si, o que é afinal a essência dessa vontade? De onde emana a essência do querer em geral? Como Schopenhauer estende a vontade a todo universo transformando-a na misteriosa coisa-em-si, de que tanto falava Kant, e que no final acabou encerrando-a para além dos limites da razão pura? Ou seja, como passar da vontade enquanto fenômeno para a vontade pensada na dimensão da coisa-em-si?

Sempre que um ato voluntário sai das profundezas obscuras de nosso interior, penetra na consciência do sujeito que conhece o que surge é a coisa em si, que não está submetida ao tempo. O ato voluntário nada mais é que a manifestação mais imediata e visível da coisa em si. Daí se deduz que se todos os demais fenômenos pudessem ser conhecidos tão intimamente como nosso ato voluntário, os reconheceríamos como idênticos àquilo que em nós é a vontade. Schopenhauer (1974, p. 215) afirma que “este é o sentido de minha doutrina quando digo que a essência de todas as coisas é a vontade e a chamo de coisa em si”.

Para Mira y Lopes (1972) não é somente nos fenômenos em tudo semelhante aos do próprio homem que se encontra esta mesma vontade como essência íntima. Uma reflexão mais demorada levará a reconhecer

que a universalidade dos fenômenos, apesar das variadas representações, tem uma só essência, a mesma que só o homem conhece intimamente, imediatamente e melhor do que qualquer outra. Aquela que, enfim, em sua mais aparente manifestação traz o nome de Vontade.

Esta vontade está presente na força que faz me dar à planta, cristalizar o mineral e que dirige a agulha imantada para o norte. Encontrar-se-á também nas afinidades eletivas dos corpos e até na gravidade que age. A própria explicação fisiológica do ciclo vital do ser em toda a sua extensão, por mais completa que seja dada, não poderá abalar este fato certo: que a vida e todo o seu desenvolvimento é igualmente um fenômeno da Vontade. Vontade que, considerada puramente em si, é um impulso inconsciente, cego, irresistível. Assim a vemos nos seres inorgânicos e vegetais, em suas leis; na própria vida vegetativa do homem. No homem, pela incorporação do mundo da representação, a Vontade adquire a consciência do seu querer e daquilo que quer, que nada mais é que este mundo, a vida tal como se nos apresenta.

O que a verdade quer é sempre a vida, dizer Vontade de Viver é dizer Vontade. Todo o universo é uma manifestação desta vontade, não causa dos fenômenos, mas objetivação de si mesma. Partindo da observação dos fenômenos em geral, Schopenhauer (1974) analisa as teorias físico-biológicas existentes e afirma que, apesar de tudo, a natureza íntima do fenômeno e sua multiplicidade permanecem sempre inexplicáveis. A Vontade é um impulso cego e irresistível que se objetiva no fenômeno.

A Vontade, como coisa em si, é onipotente e tudo pode. Ela é livre. O mundo, com toda a multiplicidade de

suas partes e de suas figuras, é o fenômeno, a objetividade de um único querer viver. A vontade de viver é eterna, pois está fora do tempo e é no homem que ela adquire consciência. A Atividade é essencial na vontade que nunca deixa de querer.

A Vontade se objetiva pluralmente nas coisas e no tempo sem que por isso perca a sua indivisibilidade. A diferença entre as coisas do espaço só está em sua objetivação (grau). Cada grau de objetivação da vontade contende com outro na matéria, no espaço e no tempo, implicando, por isso, luta, batalha e, alternadamente, vitória. A Vontade está toda tanto numa pedra como num vegetal ou no homem, de tal maneira que, se pudéssemos destruí-la numa pequena partícula de poeira, destruiríamos o mundo.

No próximo capítulo procura-se, a partir de Schopenhauer, fazer uma reflexão antropológica com o objetivo de demonstrar que é também no homem que a vontade alcança a sua maior individuação.

3. TENTATIVA DE UMA COLOCAÇÃO ANTROPOLÓGICA

Schopenhauer repete que o seu sistema explica o mundo pelo homem e não o homem pelo mundo e neste sentido ele mesmo chama seu sistema de um macroantropismo, pois coloca o centro do universo na consciência do homem.

O homem, como todos os outros fenômenos da matéria viva ou bruta, é vontade e representação e no seu extrato mais profundo se apreende como vontade de viver. Porque a vontade é a “Coisa em si”, o conteúdo

interior, a essência do mundo e o mundo visível é o fenômeno, o espelho da vontade, a vida acompanhará inseparavelmente a vontade, onde há vontade há vida. Schopenhauer diz ser um pleonasma “vontade de viver”. A vontade de viver tem assegurada para si a vida. Continuando, afirma que o sujeito é o suporte do mundo, a condição constante sempre subentendida de tudo o que é perceptível, de todo objeto, porque tudo quanto existe, existe para um sujeito. O mundo é minha representação, um princípio evidente para Schopenhauer. Todo o homem é este sujeito, mas somente enquanto conhece e não enquanto é objeto de conhecimento. Seu próprio corpo é objeto. Deste ponto de vista ela é igualmente representação, porque, o corpo é um objeto entre os objetos submetidos às leis dos objetos, portanto submetidos às formas de todo o conhecimento que são: tempo e espaço. A vontade é aquilo que conhecemos imediatamente.

A ação do corpo é o ato da vontade objetivada e são uma só e mesma coisa, que nos vêm de sua maneira diferente, de uma vez imediatamente e outra pela intuição e conhecimento. É no homem também que a Vontade alcança a sua maior individuação, devido a um sem número de personalidades, e é nele que ela se apreende como Vontade de Viver. A vida está presa ao querer viver e enquanto este existir no homem ele não deverá se inquietar com sua vida e com sua morte.

Segundo Schopenhauer (1974, p. 501) a Vontade de viver tem sempre assegurada a vida, e enquanto ela nos alentar não devemos nos preocupar por nossa existência, nem mesmo ante o espetáculo da morte.

Vemos o indivíduo nascer e morrer, mas o indivíduo não é mais que o fenômeno. Só existe pelo conhecimento submetido ao princípio de razão que é o princípio de individuação, por isso o indivíduo recebe a vida como um presente. Sai do nada, sofre logo pela morte a perda do Dom da vida e volta ao nada de onde saiu.

O nascimento e a morte, por pertencerem ao fenômeno da vontade e, por conseguinte, à vida, não atingem a vontade em nada, nem ao sujeito do conhecimento. É atributo essencial da vida aparecer em criaturas individuais, manifestando fugazmente no tempo o que em si não conhece tempo e deve precisamente manifestar-se sob esta forma, a fim de poder objetivar sua verdadeira natureza. O nascer e o morrer são pólos do fenômeno total da vida.

Para Schopenhauer (1974), a mais sábia de todas as mitologias, a indiana, expressa este mesmo pensamento dando por atributo a Siva, o deus da destruição e da morte, o colar de caveiras e, ao mesmo tempo, o Lingan, símbolos da geração e da morte que se compensam reciprocamente.

A morte de um indivíduo não afeta a natureza, que nada mais é que a realização da Vontade de Viver. Sendo o homem a própria natureza em seu supremo grau de consciência de si, e sendo a natureza Vontade de Viver objetivada, nada mais natural que o homem se console com sua própria morte e a dos seus, lançando olhos para a vida imortal da natureza que é ele mesmo. A forma do fenômeno da vontade é tempo, espaço e causalidade, A forma tempo é sempre o presente e não o futuro ou o passado. Estes só existem pela abstração, pelo

encadeamento do conhecimento submetido ao princípio de razão. Só o presente é propriedade de toda a vida, propriedade segura e nada, jamais, pode arrebatá-lo.

Para Schopenhauer (1974) o próprio passado, mesmo o mais próximo, o dia que acaba de escoar-se, não é mais do que um inútil sonho e outra coisa não é o passado de outros milhões de seres. Eu sou definitivamente dono do presente que me acompanhará por toda uma eternidade como minha sombra; por isso não me espanta nem pergunto de onde procede este presente e porque precisamente neste instante.

Só a manifestação individual da Vontade é que começa e acaba, mas isto não a afeta, já que ela é eterna. A vontade em si e o sujeito puro do conhecimento existem fora do tempo e não conhecem nem a permanência, nem a destruição. Por isso o egoísmo do indivíduo não pode valer-se disto para apagar sua sede de imortalidade, pois não pode alimentar a certeza que depois de sua morte o mundo continuará existindo. (Schopenhauer, 1974, p 509).

O homem só enquanto fenômeno difere dos outros objetos, mas também é vontade que se manifesta em tudo. A morte faz desvanecer a ilusão de que sua consciência é distinta da consciência universal e nesta não há destruição, nisto consiste sua eternidade.

Todas as ações do homem são a manifestação reiterada do caráter inteligível, apenas ligeiramente modificada em sua forma, A indução resultante da soma destas ações é o caráter empírico. O caráter adquirido, que vem juntar-se depois ao inteligível e ao empírico, se

forma na medida em que se vive em contato com o mundo, através do conhecimento claro e abstrato do próprio caráter empírico.

Quando elogiamos ou censuramos alguém devido ao seu caráter, estamos nos referindo ao caráter adquirido. Se poderia pensar que, sendo o caráter empírico, enquanto fenômeno do inteligível é invariável e conseqüente consigo mesmo. Como todo o fenômeno natural também o homem deveria aparecer sempre igual a si mesmo e não ter necessidade de formar artificialmente seu caráter por força de experiência e reflexão. Não é isto, porém, o que sucede. O homem, ainda que sempre permaneça idêntico, nem sempre se entende a si mesmo. Muitas vezes ele se desconhece até que alcance certo grau de conhecimento.

Querer e ambicionar são a essência do homem. Querer significa desejar e o desejo implica a ausência daquilo que se deseja. Desejo é privação, deficiência, indigência e, conseqüentemente, dor. A vida parece lançada num esforço incessante de afastar a dor, esforço que se mostra vão no preciso momento em que chega ao seu termo. Com a satisfação do desejo e da necessidade surge um novo desejo e uma nova necessidade. A satisfação jamais será definitiva e positiva. O prazer é a cessação da dor e tem, portanto, um caráter negativo e transitório. Na falta de objetos a desejar, quando uma satisfação facilmente chega, apodera-se do homem um vazio espantoso, o tédio, que ainda é mais insuportável que a dor.

Quando satisfazer todas suas aspirações sente um vazio aterrador, o tédio, quer dizer, em outros termos, que a existência se converte numa carga insuportável. A vida oscila, como um pêndulo, constantemente entre

dor e o tédio, que são, na realidade, seus elementos constitutivos. (Schopenhauer, 1974, p. 511).

A vida de todo homem é um história de todos. De forma geral, cada existência é uma série contínua de desgraças, que cada um tenta ocultar da melhor maneira possível, por que sabe que os outros não se interessam ou lastimam, mas, ao contrário, geralmente sentem satisfação ante o relato das dores das quais estão livres naquele momento.

Se fizéssemos o mais obstinado dos otimistas, visitar hospitais, lazarentos, cárceres, senzalas, câmaras de tortura, campos de batalha; se o fizéssemos penetrar em todos os sombrios redutos de miséria, acabaria por entender qual a natureza deste mundo. (Schopenhauer, 1974, p. 555).

Para Schopenhauer (1974), a história é um manifestar-se da incansável Vontade de Viver que repete sempre a mesma tragédia ou comédia, ainda que mudem os personagens. A negação da Vontade de Viver sobrevém quando o conhecimento aniquila a Vontade, porque então os fenômenos da percepção não agem mais como estímulos sobre a vontade, pelo contrário, na concepção das idéias que refletem a essência do mundo encontra um calmante, um aquietador, que a serena e a impulsiona a anular-se a si mesma, espontaneamente.

Isto acontece apenas através de outras atividades próprias do homem, que são gradativamente liberativas: a Arte, a Justiça e Compaixão. No último capítulo buscase, como conclusão, explicitar estas atividades liberativas

como forma de entender a violência tendo como base a antropologia filosófica de Schopenhauer apontando-as como vias de suspensão da Violência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do pensamento filosófico de Schopenhauer pode-se apontar, mesmo que precariamente, algumas vias para a suspensão da violência. Num primeiro momento, temos a contemplação artística. A contemplação desinteressada das idéias seria um ato de intuição artística e permitiria a contemplação da Vontade em si mesma, o que, por sua vez, conduziria ao domínio da própria Vontade. Na arte, a relação entre Vontade e a representação inverte-se, a inteligência passa à posição superior e assiste à história de sua própria Vontade; em outros termos, a inteligência deixa de ser atriz para ser espectadora. A atividade artística revelaria as idéias eternas através de diversos graus, passando sucessivamente pela arquitetura, escultura, pintura, poesia lírica, poesia trágica e finalmente, pela música.

Em Schopenhauer, pela primeira vez na história da Filosofia, a música ocupa o primeiro lugar entre todas as artes. Liberta de toda a referência específica aos diversos objetos da Vontade, a música poderia exprimir a Vontade em sua essência geral e indiferenciada, constituindo um meio capaz de propor a libertação do homem, face aos diferentes aspectos assumidos pela Vontade, dentre os quais a violência. Constitui o elemento do artista, o lado puramente cognoscível do mundo e a reprodução do mesmo numa arte. O artista é cativado

pela contemplação do espetáculo da Vontade em sua objetivação.

O homem comum é capaz de elevar-se à contemplação, ainda sem gênio, caso contrário ele não apreciaria as obras de arte. A diferença que existe entre ele e o homem de gênio é que o segundo, possuindo em grau muito maior esta capacidade de contemplação, consegue reproduzir, numa obra arbitrária, o assim conhecido, reprodução que é a obra de arte. Para Schopenhauer (1980) é a arte, a obra do gênio. Enquanto para o homem comum sua faculdade de conhecer é a lanterna que ilumina seu caminho, para o homem de gênio é o sol que revela o mundo. A música, que às vezes eleva nosso espírito a tal altura que parece nos transportar a outros mundos, nada mais faz do que alargar nossa Vontade de Viver.

A música vai além das idéias, é completamente independente do mundo fenomenal. A música fala do ser. Ela é uma objetivação, uma cópia tão imediata de toda a Vontade como é o mundo, como o são as próprias idéias. Cultivar a arte é uma forma de entender a superação da violência. Necessita-se da arte para consolidar o processo de humanização do homem. Mais importante que prevenir a violência é entendê-la filosoficamente.

Fica o desafio para as políticas públicas na contemporaneidade de investir nas artes como forma de tornar o homem mais humano, mais próximo de si. A supressão da violência pode se tornar realidade a partir de uma educação integral do ser humano, onde a arte não é ignorada. A injustiça é a condição da Vontade de Viver dividida e discordante que existe nos diversos

indivíduos. Para ela só existe um remédio: o conhecimento da Vontade como unidade fundamental em todos os seres e, conseqüentemente, o reconhecimento dos outros, por sua vez, como sujeitos.

O homem mau não é apenas o que atormenta, mas é também o atormentado. O que faz com que ele se sinta separado dos outros ou da dor nada mais é que o produto de um sonho ilusório. É a obscura consciência da unidade da Vontade, que existe em todos os homens, o que provoca o aparecimento do remorso e da angústia junto com a maldade. Toda a maldade é injustiça, é o desconhecimento desta unidade. Toda a bondade é justiça, é conhecimento da Vontade una, da ilusória multiplicidade resultante do princípio da individuação.

A justiça é o primeiro grau de reconhecimento. Em relação à violência observam-se diversas crises na sociedade: crise na família, crise na relação de gênero, crise urbana, crise dos direitos humanos, crise social e crise na justiça criminal. Porém, a maior crise, é a crise da falta de conhecimento da Vontade como unidade fundamental em todos os seres e, conseqüentemente, do reconhecimento dos outros, por sua vez, como sujeitos. O resgate de uma teoria da justiça na contemporaneidade é essencial para uma séria discussão sobre a violência na contemporaneidade.

Outra via de superação da violência é o amor. O amor, cuja origem está no conhecimento, e que vai além do princípio de individuação, conduz à redenção, o abandono completo da Vontade de Viver, ou seja, de toda volição em geral. O que nos leva a realizar boas ações e obras de caridade é o conhecimento da dor alheia, nascido

de nossa própria experiência e considerado como nosso. Por isso o amor puro (*caritas*) é por natureza piedade e é indiferente qual a dor que mitiga, já que entendemos como dor toda necessidade ou aspiração não satisfeita. Todo verdadeiro amor é piedade e todo o amor que não é piedade é egoísmo. A compaixão é o sentimento ético fundamental. Sem ética a sociedade continua mergulhada na violência. Entender a violência é entender o significado da ética para a humanidade.

O amor na concepção de Schopenhauer nada mais é do que uma necessidade, não do sujeito mas da vontade de viver universal que se apodera dos indivíduos para continuar existindo. Schopenhauer chega a dizer que a sexualidade é o desejo dos desejos. Aqui nota-se uma das bases freudianas para a psicanálise, inclusive o próprio Freud reconhecerá que Schopenhauer fora o primeiro a perceber as forças obscuras da sexualidade

Outra via de superação da violência é o asceticismo filosófico. Contrariamente ao que acontece na negação mediante a perspectiva moral, onde a ação do sujeito prima-se por considerar a alteridade por meio do sentimento de compaixão, elevado por Schopenhauer à categoria máxima de toda ação moralmente correta, no asceticismo a negação da vontade é uma prática que somente surte efeitos individualmente.

O asceticismo preconizado por Schopenhauer não apresenta nenhum dado original. Na verdade ele retoma as experiências dos grandes ascetas com vistas a corroborar suas teses filosóficas. “Portanto, caso se queira compreender melhor aquilo que, em termos filosóficos, se traduz pela negação da vontade de viver, é

na experiência e na realidade que é preciso buscar os exemplos” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 403). O asceticismo não é uma ficção inventada pelos filósofos, mas ele constitui a própria vivência de eminentes espíritos das mais variadas crenças religiosas.

No sistema filosófico schopenhauriano as doutrinas religiosas eram valiosas na medida em que demonstravam por meio das verdades alegóricas as melhores medidas para a libertação dos desejos e dos sofrimentos congênitos a eles. A valorização dos pensamentos religiosos pela filosofia schopenhauriana é de cunho mais prático- ascético do que propriamente teórico-ritualística.

Portanto, conclui-se que Schopenhauer municiava-se das atitudes ascéticas defendidas pelos grandes personagens das mais variadas religiões para demonstrar que a negação da vontade é possível.

No entanto, é necessário perguntar como Schopenhauer interpreta o asceticismo filosófico. A resposta nos é apresentada pelo próprio filósofo, que entende pela prática ascética “o aniquilamento refletido do querer que se obtêm pela renúncia aos prazeres e pela procura do sofrimento; entendo uma penitência voluntária, uma espécie de punição que a pessoa se inflige para chegar à mortificação da vontade” (SCHOPENHAUER, 2001, p. 410).

O pensamento de Schopenhauer se apresenta como um grande sistema metafísico. A intenção do artigo foi a de se aproximar da obra “O mundo como Vontade de Representação” e propor uma reflexão antropológica da violência a partir das atividades liberativas. Esta reflexão,

PONCHIROLLI, OSMAR. REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA DA VIOLÊNCIA
A PARTIR DAS ATIVIDADES LIBERATIVAS [...]. P. 109-136.

embora precária, constitui-se em um projeto aberto para novas reflexões. Portanto, o entendimento das atividades liberativas, apresentadas por Schopenhauer, é uma das formas de suspensão da violência tendo como base a antropologia filosófica.

5. Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Storia della Filosofia*. Tradução de Armando da Silva Carvalho. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

BARBOSA, J. *Schopenhauer a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1997.

BARBOSA, J. *Schopenhauer: Ciência e Filosofia*. IN: Temas de Epistemologia. Curitiba: Champagnat, 2006.

CASSIERER, Ernest. *An Essay on Men*. Tradução de Vivente Felix de Queiroz. São Paulo: Mestre Jou, 1982

GURR, T. R. *Violence in American: The history of crime (violence, cooperation, peace)*, na International Series, v. I. Newbury Park: Sage Publicationsm 2v., 1989.
Donzinger, S. ed. *The real war on crime*. New York the National Criminal Justice Commission, 1996

MANN, Tomas. *O Pensamento vivo de Schopenhauer*. São Paulo: Martins, 1980.

MARIAS, Julian. *La Filosofia en sus textos*, Barcelona: Labor, 1960.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Trad. de Eduardo Ovejero y Maury. Buenos Aires: El Ateneo, 1980.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Samtliche Werke*. Tradução Port. De Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Abril, 1974.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e Representação*. Tradução de M. F. Sá Correia. Rio de janeiro: Contraponto, 2001.

SCHOPENHAUER, A. *Parerga e Paralipomena*. In: coleção os pensadores. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre o fundamento da moral*. Tradução de CACCIOLA, M. São Paulo: Martins fontes, 1995.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O livre arbítrio*. São Paulo: Formar, s/d.